



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

**BIBLIOFILIA: BIBLIÓFILOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA  
PRESERVAÇÃO DE OBRAS RARAS**

Brasília

2014

Heloísa Martins Camboim de Sá

**BIBLIOFILIA: BIBLIÓFILOS E SUA CONTRIBUIÇÃO NA  
PRESERVAÇÃO DE OBRAS RARAS**

Monografia apresentada como pré-requisito  
para obtenção do título de bacharel em  
Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da  
Informação da Universidade de Brasília

Orientadora: Profa. Dra. Sofia Galvão Baptista

Brasília

2014

S111b

Sá, Heloísa Martins Camboim de.

Bibliofilia: bibliófilos e sua contribuição na preservação de obras raras / Heloísa Martins Camboim de Sá. -- Brasília: Universidade de Brasília, 2014.

45 p.; il.

Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2014.

Orientação: Sofia Galvão Baptista

1. Bibliofilia. 2. Obras raras. 3. Colecionismo bibliográfico

I. Baptista, Sofia Galvão. II. Título.

CDU 090.1



**Título: Bibliofilia: bibliófilos e sua contribuição na preservação de obras raras.**

**Aluna:** Heloísa Martins Camboim de Sá.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 10 de setembro de 2014.

**Sofia Galvão Baptista** - Orientadora  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Dulce Maria Baptista** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em Ciência da Informação

**Ana Lúcia de Abreu Gomes** – Membro  
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)  
Doutora em História Cultural

Dedico este trabalho aos meus pais que me fizeram ser quem sou, me apoiaram e amaram incondicionalmente.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, devo agradecer a Deus pelo dom da vida e pela sua infinita misericórdia. Por todos os momentos que Dele precisei e Ele se mostrou presente, mesmo não sendo merecedora desse infinito amor.

Aos meus pais que sempre me apoiaram, incentivaram, que são meu maior exemplo de vida e os meus melhores amigos. Por sempre colocarem nossas necessidades e vontades em primeiro lugar, não medindo esforços para nos dar sempre o melhor. Por todas as broncas, correções, mas principalmente pelos conselhos e valores que me ensinaram e me fizeram ser quem sou. Meu maior desejo é poder sempre ser motivo de orgulho para vocês.

Aos meus irmãos Jáder e Héliida, meus companheiros de todos os momentos, que tantas vezes me fizeram rir e chorar, brigar e brincar, vocês são meus maiores tesouros.

Agradeço à Universidade de Brasília que me proporcionou tantos momentos inesquecíveis nesses quase cinco anos de curso, em especial à Faculdade de Ciência da Informação, onde pude conhecer tantas pessoas, especialmente ao querido Reginaldo, sempre tão atencioso e simpático com todos os alunos.

A todos os mestres que fizeram parte da minha formação acadêmica. À minha querida orientadora professora Sofia Galvão Baptista que aceitou orientar este trabalho. E às professoras Dulce Maria Baptista e Ana Lucia de Abreu Gomes que muito gentis aceitaram avaliá-lo.

Meus queridos amigos da faculdade, Lucas Nakatani, Sara Alencar e Bianca Adami. Sem dúvida as pessoas mais incríveis daquele lugar e que com certeza fizeram muita diferença na minha vida. Cada momento que passamos juntos, trabalhos em grupo, almoços no Iguatemi, turismo pela Universidade, serão inesquecíveis e tornaram meus últimos anos muito mais divertidos. Obrigada pelo apoio do começo ao fim do curso. Que essa amizade que aqui começou, me acompanhe pelo resto da vida.

Aos meus amigos que me acompanham desde o tempo de escola, ensino fundamental, ensino médio. Durante muitos anos vocês fizeram parte de todas as minhas manhãs, mas o tempo nos levou para caminhos diferentes. É incrível ver como

crecemos e mudamos em todos esses anos. Algumas foram estudar no exterior, começaram a trabalhar, estão noivas, mas apesar de tamanhas mudanças nas nossas rotinas, permanecemos sempre juntas.

Aos amigos que foram colocados por Deus em minha vida, através da igreja, catequese, segue-me, meus afilhados queridos. Vocês são o motivo da minha felicidade. Meus amigos são minha segunda família. Assistir um filme, conversar besteira, tomar sorvete, lanche no Bomba, jogar videogame, qualquer programa com vocês faz meus fins de semana valerem a pena. Obrigada pelos muitos sorrisos!

Por fim agradeço a cada um que me apoiou e de alguma forma contribuiu para que eu pudesse concluir esta etapa da minha vida.

“Porque para Deus nada é impossível.”

(Lucas 1, 37)



## RESUMO

Esta monografia, através de estudo bibliográfico, tem como principal objetivo mostrar o papel fundamental da bibliofilia para a preservação de obras raras. Buscou-se definir o conceito de bibliofilia e diferenciá-lo de outros termos muitas vezes usados, erroneamente, como sinônimo. Apresenta alguns critérios utilizados para a definição de obras raras e aponta as vantagens da digitalização para a disseminação do conteúdo das mesmas. Expõe as atitudes dos bibliófilos para a construção de bibliotecas particulares e sua importância para conservar e manter suas obras e utiliza como exemplo um dos maiores bibliófilos do país, José Mindlin e seu acervo voltado a obras que tratam do Brasil.

**Palavras-chave:** Livro. Bibliofilia. Bibliófilos. Preservação. Obras raras

## **ABSTRACT**

This monograph, through bibliographic research, aims to show the key role of bibliophilia for the preservation of rare books. It attempted to define the concept of bibliophilia and differentiate it from other terms often used erroneously as a synonym. Presents some criteria for the definition of rare books and points out the advantages of digitization to disseminate the contents of them. Exposes the attitudes of bibliophiles for building private libraries and their importance to preserve and defend their books and uses as an example, one of the greatest bibliophiles of the country, José Mindlin and returned to his collection of books about Brazil.

**Keywords:** Book. Bibliophile. Bibliophiles. Preservation. Rare books.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tábua de argila do século VIII a.C.

Figura 2: Papiro de Ebers

Figura 3: Pergaminho – Manuscrito do Mar morto

Figura 4: Johannes Gutenberg

Figura 5: Prensa de Gutenberg

Figura 6: O bibliófilo de Johann Hamza

Figura 7: Livro *Philobiblion*

Figura 8: Obras raras

Figura 9: José Mindlin

Figura 10: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Figura 11: Biblioteca Brasileira

## SUMÁRIO

1 – Introdução	14
2 – Justificativa	16
3 – Objetivos	
3.1 Gerais	17
3.1 Específicos	17
4 – Metodologia	17
5 – Revisão de literatura	
5.1 História do livro	
5.1.1 Papiro, pergaminho e papel	18
5.1.2 Imprensa	20
5.2 Bibliofilia	
5.2.1 Conceito de bibliofilia	23
5.2.2 Bibliófilos	23
5.2.3 Breve histórico da bibliofilia	26
5.3 Obras raras	
5.2.1 Definição de obras raras	28
5.4 A importância da bibliofilia na preservação da cultura impressa	
5.3.1 Bibliofilia e a preservação do livro	29
5.3.2 Digitalização de obras raras	32
5.5 Desenvolvimento de bibliotecas particulares	35

5.5.1 José Mindlin e a Biblioteca Brasileira	35
6 – Considerações finais	39
7 – Referências bibliográficas	40

## INTRODUÇÃO

Obras raras são livros, periódicos e outros impressos que tenham um grande valor histórico, cultural e econômico devido à sua singularidade. Não só pelo tempo de vida que têm, mas aspectos que o tornam únicos, como gravuras, erros de impressão, entre outros que fazem uma obra ser considerada rara.

Estas obras, no passado, tiveram que enfrentar diversas barreiras para que pudessem chegar aos dias de hoje. Censuras, incêndios e o tempo são só alguns dos exemplos de impedimentos que tantas outras obras tiveram para durar até os dias de hoje.

Devido à dificuldade de restituição, tais livros carecem de um enorme cuidado, principalmente por causa de sua fragilidade. Tais obras podem facilmente ser danificadas pela umidade e temperatura inadequadas ou insetos e roedores. O peso do tempo investe sobre essas obras e por isso é necessário um enorme cuidado para que as mesmas possam continuar a existir.

Muitos livros tiveram “guardiões”. Pessoas que por possuir um sentimento muito forte pelos livros, dedicaram suas vidas a procurar obras sobre determinado tema de seu interesse, e que protegem e cuidam de suas obras com uma dedicação incomum.

Este estudo mostra que os bibliófilos, que são os colecionadores e amantes dos livros, através da formação de bibliotecas particulares e devido ao zelo com as mesmas, preservam em seus azevós, obras consideradas de grande importância pelo seu conteúdo e sua história.

Além disso, mostra como a tecnologia, que muitas vezes é considerada rival do livro, por acreditarem na substituição do mesmo por uma versão digital, é na verdade uma aliada, principalmente, quando se tratam de livros raros que teriam o acesso ao seu conteúdo restrito, mas que através de digitalizações podem ter suas informações disseminadas através da Internet.

Esta revisão de literatura está dividida em partes: primeiro um histórico do livro, traçando sua evolução desde o papiro até o seu formato atual. Em seguida,

apresenta a definição de bibliofilia, descreve algumas características dos bibliófilos e define alguns critérios para uma obra ser considerada rara. Finalmente, mostra a importância da bibliofilia na preservação de obras raras por meio da criação de bibliotecas particulares e expõe o método de digitalização para disseminar o conteúdo das obras através de um computador. Por fim dá como exemplo o bibliófilo José Mindlin e sua biblioteca particular, do qual os livros doados, agora fazem parte do acervo da Universidade de São Paulo.

## **2 – JUSTIFICATIVA**

Graças aos bibliófilos diversas obras raras puderam chegar em quase perfeito estado de conservação aos dias de hoje. Esses colecionadores formaram coleções de livros muito ricas, que posteriormente foram doadas para bibliotecas, que permitiram o acesso ao conteúdo dessas obras e através delas um melhor conhecimento do passado.

Com a evolução da tecnologia, diversos métodos são utilizados para que mais pessoas possam ter acesso a obras raras. Por serem itens muito antigos e frágeis, o acesso direto a essas obras deve ser restrito. A digitalização, nesse caso, é um processo que permite que os livros depois de digitalizados possam ser acessados por qualquer pessoa por meio de um computador.



### **3 – OBJETIVOS**

#### 3.1 Gerais

Este trabalho tem como objetivo geral entender o colecionismo bibliográfico por parte dos bibliófilos, sua busca por obras raras e sua influência na preservação e digitalização das mesmas através da construção de seus acervos particulares.

#### 3.1 Específicos

- Apresentar o perfil dos bibliófilos
- Demonstrar a importância da preservação e disseminação de obras raras através da digitalização
- Avaliar a relevância da bibliofilia na conservação de obras raras

### **4 – METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi o levantamento e análise da literatura já publicada sobre bibliofilia. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.” (GIL, 2009, p. 44)

Para a pesquisa foram utilizados periódicos, artigos, monografias e livros tanto impresso quanto eletrônicos.

## 5 – REVISÃO DE LITERATURA

### 5.1 História do livro

#### 5.1.1 Papiro, pergaminho e papel

O livro passou por diversas mudanças, nos seus quase 6 mil anos de história, até chegar ao formato que conhecemos nos dias de hoje. Seu suporte já passou pelos mais diversos materiais e formatos. E junto com o livro, a escrita teve grande evolução desde o seu desenvolvimento, permitindo o desenvolvimento da ciência, registros de acontecimentos e a expressão de tantos através da literatura e poesia.

Almeida (2007, p.11) afirma que o professor Georges Jean no livro *A escrita-memória dos homens* esclarece que a necessidade do homem em criar uma linguagem escrita surgiu entre o sexto e o primeiro milênio antes de Cristo, na Mesopotâmia, quando o homem precisou fazer registros de fins comerciais de grãos e gado. A escrita por eles utilizada era composta por símbolos e feitas em tijolos de argila.

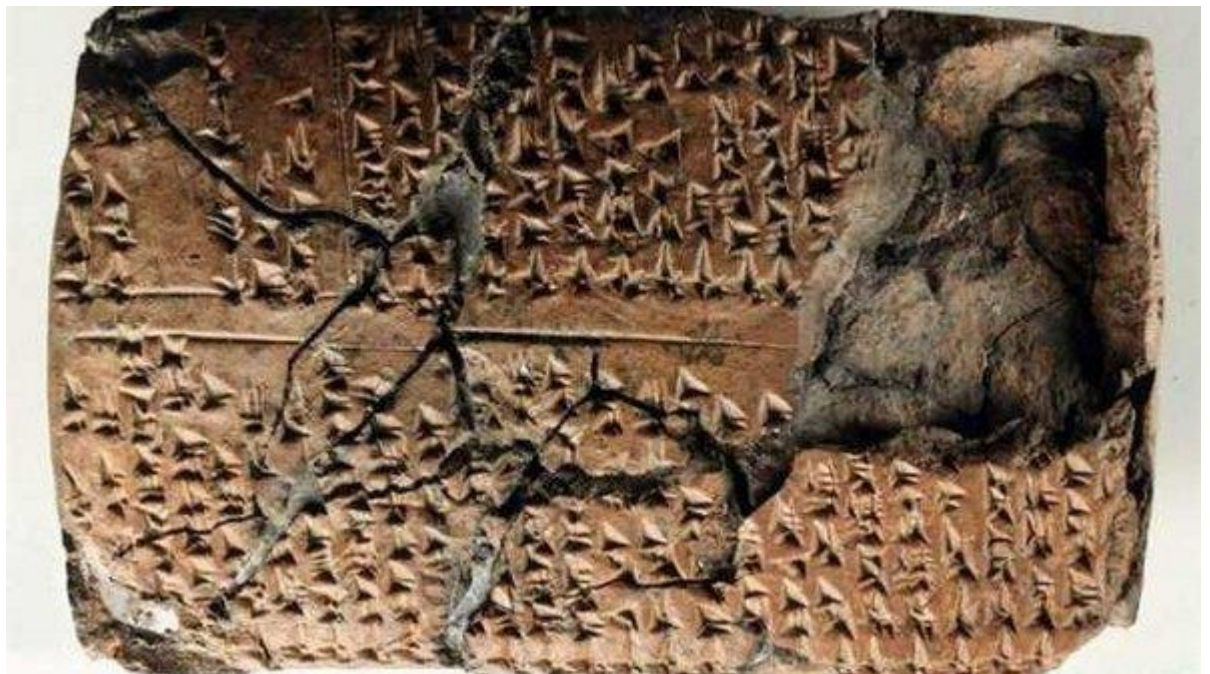


Figura 1 – Tábua de argila do século VIII a.C.

Fonte: <http://profgaspardeSouza.blogspot.com.br/2012/05/arqueologos-acham-inscricoes-milenares.html>

Segundo Macedo (2011) as primeiras tábuas de argila eram utilizadas para registros contábeis. Eram utilizados objetos pontudos na parte inferior, para escrever na argila com a ponta, e planos na parte superior, para alisar a argila em caso de erro. As tábuas depois de escritas eram secas ao sol.

Já por volta de 3000 a.C. o povo egípcio utilizava o papiro, uma planta encontrada às margens do rio Nilo. Para que o papiro pudesse ser utilizado nas escritas era necessário realizar um processo de preparação, Nunes (2012) explica que primeiro cortava-se o caule e retiva-se o miolo. Em seguida cruzavam as tiras feitas do miolo, umidificavam, batiam e deixavam secar ao sol. As folhas do papiro eram coladas, formando rolos.

Os símbolos utilizados e desenvolvidos pelos egípcios são chamados hieróglifos, que deriva da junção de duas palavras gregas e significa escrita sagrada. Só sabiam decifrar essa escrita, pessoas que pertenciam as classes mais altas da sociedade, como sacerdotes, escribas e membros da realeza.



Figura 2: Papiro de Ebers

Fonte: <http://www.medizinische-papyri.de/PapyrusEbers/1280/index.html>

O papiro tornou-se algo caro e escasso. Por volta do século III a.C., na cidade de Pérgamo, a pele de animais passou a ser utilizada como opção. Por causa do nome da cidade denominaram esse suporte, pergaminho. Uma das vantagens do pergaminho sobre o papiro, como aponta Nunes (2012) é que estes eram raspados para que a superfície ficasse limpa e pudesse ser reutilizada, passando a ser chamado de *palimpsesto*, que quer dizer ‘raspado de novo’.



Figura 3: Pergaminho – Manuscrito do Mar morto  
 Fonte: <http://www.rmesquita.com.br/qumran.htm>

E foi na China por volta do ano 105 d.C. que foi criado o papel pelo ministro Tsai Lun

a partir do córtex de plantas, tecidos velhos e fragmentos de rede de pesca. A técnica baseava-se no cozimento de fibras do líber - casca interior de certas árvores e arbustos - estendidas por martelos de madeira até se formar uma fina camada de fibras. Posteriormente, as fibras eram misturadas com água em uma caixa de madeira até se transformar numa pasta. (CALDEIRA, 2002)

Durante seiscentos anos, os chineses mantiveram essa técnica em segredo. Até que por volta do ano 751, os arábes começaram a instalação de fábricas de papel, que foi se espalhando pela África. No século XII surge a primeira fábrica na Europa, localizada na Espanha. Daí em diante a Europa passa a difundir a fabricação de papel.

### 5.1.2 Imprensa

Johannes Gutenberg nascido em 24 de junho de 1397, na cidade de Mogúncia na Alemanha, trabalhou como ourives, ou seja tinha habilidade para trabalhar com utensílios de metal. Em 1436 fez sociedade com outros três jovens e começou a explorar um novo método de impressão. Naquela época já era utilizada a

xilografia, uma técnica que consistia em uma espécie de carimbo de madeira. Se entalha uma figura na madeira e passa-se tinta por cima. Os lugares em altos relevo depositarão tinta no papel, formando a figura desejada.



Figura 4: Johannes Gutenberg

Fonte: [http://en.wikipedia.org/wiki/List\\_of\\_German\\_inventors\\_and\\_discoverers](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_German_inventors_and_discoverers)

A prensa móvel de Gutenberg funcionava de maneira parecida. Mas ao invés da madeira eram utilizados blocos de metal também com relevos que eram organizados e prensados sobre as folhas de papel. A invenção de Gutenberg tornou a impressão algo muito mais rápido, fazendo com que os livros fossem impressos em grandes tiragens.

O incunábulo -nome dado aos livros publicados até 1500- mais famoso foi a Bíblia de Gutenberg ou Bíblia de 42 linhas. Sua importância deve-se ao fato deste livro ser considerado o marco de início da produção em grande escala.

Outro ponto positivo da invenção de Gutenberg é que os livros impressos através da xilografia demoravam muito para serem terminados, tornando cada item muito caro. Com a prensa móvel de Gutenberg essas tiragens se tornaram mais rápidas, aumentando a procura pelo livro e assim barateando seu preço. “A classe mais baixa passou a ter acesso aos livros, que deixaram de ser patrimônio daqueles



que possuíam dinheiro e o monopólio de técnicas manuais de tipografia” (NUNES, 2012, p.21).

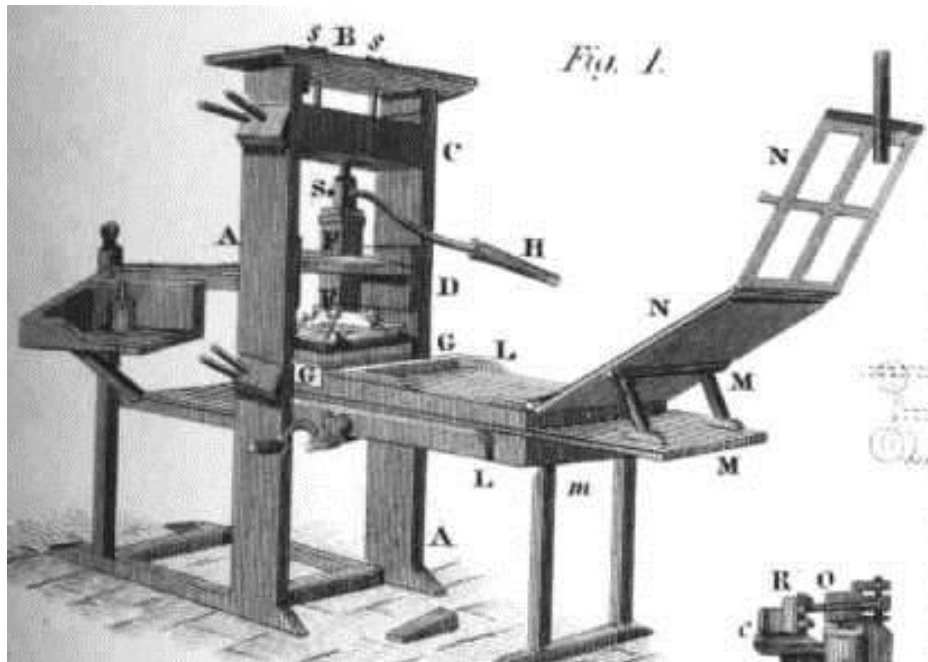


Figura 5: Prensa de Gutenberg

Fonte: <http://www.geocities.ws/saladefisica9/biografias/gutenberg.html>

## 5.2 Bibliofilia

### 5.2.1 Conceito de bibliofilia

Muitas pessoas têm a necessidade de fazer coleções, tanto por motivos terapêuticos, quanto psicológicos. Rubens Borba (2005) afirma que o ato de colecionar, muitas vezes é uma forma de escapar, de fugir de situações, aflições e por isso, uma forma de terapia. E ainda alega que muito se engana quem pensa que é um passatempo de ricos, pois o objeto das coleções podem ser tanto selos, quanto botões.

O livro é um desses objetos muito comuns de se colecionar. Pessoas que tem o hábito da leitura geralmente gostam de ter seus próprios livros e em grande quantidade. Embora “o pospositivo -filia, quando utilizado com objetos, está invariavelmente ligado ao colecionismo” (REIFSCHNEIDER, 2010, p. 87), a bibliofilia não se trata apenas de colecionar livros e, ser um colecionador de livros não faz de alguém um bibliófilo. A bibliofilia é algo muito mais complexo, envolve muito tempo, dedicação e dinheiro. Para Rubens Borba de Moraes “a bibliofilia não é somente um passatempo de homens cultos, um hobby inocente, um emprego de capital para alguns espertos, um negócio para milhares de pessoas no mundo. É uma obra de benemerência” (2005, p. 18).

O nome bibliofilia é originado da combinação de duas palavras gregas *biblion* e *philia*, que significam respectivamente, livro e amizade, ou seja o bibliófilo é o amigo dos livros.

### 5.2.2 Bibliófilos

O que diferencia o bibliófilo de um simples colecionador de livros é o fato de que o bibliófilo tem a necessidade de possuir livros incomuns, raros. Além disso o bibliófilo escolhe um determinado assunto ou autor para delimitar sua coleção, pois sem essa escolha o colecionador acabará “a ter uma vasta livraria sobre os assuntos mais diversos, obras dos autores mais variados, edições das mais disparatadas, mas nunca uma coleção digna de um bibliófilo. Terá formado um acervo de biblioteca pública, quando muito” (MORAES, 2005, p. 20).

Cavedon et al. (2007, p.347) alegam que:

Mais que uma simples coleção, o bibliófilo possui um acervo que deve evidenciar um acúmulo de tempo, de energia, de dinheiro e de conhecimento intelectual, que assume as suas características e reforça a sua identidade social distinta.

O bibliófilo também se importa com três fatores: “a atração (compulsão) pela coisa, a busca por conhecimento (pesquisa) e o interesse especulativo (investimento)” (REIFSCHNEIDER, 2010, p.91) uma vez que “quem se preocupa apenas com o aspecto monetário, é comerciante ou investidor. Quem se preocupa apenas com a pesquisa, com o conhecimento, é estudioso. Quem é tomado apenas pela compulsão, pelo impulso, pela busca desenfreada, é maníaco.”



Figura 6: O bibliófilo de Johann Hamza

Fonte: <http://quadrogiz.blogspot.com.br/2012/07/brasil-de-joao-cabral-do-nascimento.html>

O colecionador de livros não se denomina bibliófilo, Reifschneider (2010) afirma que isso se deve ao fato dos bibliófilos além de amigos dos livros, também serem considerados excêntricos e destemperados. “A excentricidade do colecionar em si faz com que muitos dos acometidos pelo colecionismo, seja por prudência ou por negação, não queiram ser por esses termos denominados” (REIFSCHNEIDER, 2010, p.88).



O bibliófilo também é muitas vezes confundido com o bibliomaniaco. Entretanto, há grandes diferenças entre bibliofilia e bibliomania. A mania está relacionada a algo ruim, doença, demência. O bibliomaniaco, geralmente, adquire seus livros mas não tem a intenção de lê-los, muitas vezes também está mais interessado na quantidade, que na qualidade de suas obras.

Reifschneider (2010, p.89) afirma que a distinção de bibliofilia e bibliomania é muito difícil, já que os termos são por vezes usados como sinônimo:

O embate entre mania e filia é dos mais interessantes ao pensarmos em coleções. [...] Alguns poderiam afirmar que não se tratam de opostos, mas de gradações da mesma escala – haveria uma linha tênue, de difícil demarcação, entre bibliofilia e bibliomania. Para outros elas serão essencialmente distintas, já que a bibliofilia pressupõe a amizade, que tem por fundo um sentimento positivo, construtivo, e a bibliomania baseia-se em algo negativo, descontrolado, que leva ao isolamento. Essa dificuldade de identificação das duas vertentes e distinção entre elas faz com que, muitas vezes, os dois termos sejam utilizados indistintamente – fato que ocorre, por exemplo, no dicionário Houaiss: da mesma maneira que afirma a bibliofilia estar relacionada a obras raras, preciosas, de valor cultural, oferece bibliomania como sinônimo.

O bibliófilo José Augusto Bezerra, fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos relacionou os “seis mandamentos do bibliófilo”, que demonstram o carinho e zelo que o bibliófilo deve ter para com os livros:

- 1- O livro é o melhor amigo do homem.
- 2- Embora diferente de nós, possuem um corpo e uma alma.
- 3- Livros manuseados não pegam mofo nem traças.
- 4- Se lhe dermos atenção, como a um amigo, iremos sonhar juntos, aprender e crescer.
- 5- Os que lêem, portanto, vivem mais, com mais qualidade de vida.
- 6- ‘Se um amigo é um tesouro’, conservar os livros é o melhor investimento, material e espiritual.

### 5.2.3 Breve histórico da bibliofilia

Bragança et al. (2005, p.10) explicam que:

A arte de colecionar livros certamente nasceu com o livro, na antiga Suméria. Na Roma Imperial, com suas inúmeras oficinas de copistas, particulares e de livreiros, Sêneca investe contra aqueles que juntam rolos de papiro e pergaminho, que em todas a sua vida não conseguirão ler.

Sabe-se que o rei Assurbanipal não media esforços para completar sua biblioteca, encarregando representantes para ir em busca dos seus itens de seu desejo. Manguel (2006, p.97) apresenta um trecho de uma carta do rei com uma ordem, que aparece logo depois da lista dos livros que procurava, para que cumprissem depressa: “Encontre-os e despache-os para mim. Que nada os detenha. E, no futuro, caso descubra outras tabuletas não mencionadas aqui, examine-as e, caso as considere de interesse para a biblioteca, reúnas-as e mande-as para mim”.

Garschagen (2005) conta que a bibliofilia existe desde antes do livro existir no seu suporte atual e coloca como exemplo o filósofo grego Aristóteles, que já no século IV a.C., foi o maior colecionador de livros em formato de rolo. Manguel (1997, p. 217) afirma que “para Aristóteles colecionar livros fazia parte das tarefas do intelectual, sendo necessário ‘a título de memorando’”.

Na Idade Média, o poeta italiano Francesco Petrarca (1304-1374) foi considerado o pai da bibliofilia moderna, isso pelo fato de ter sido um grande investigador dos clássicos da literatura antiga. Por ter contato com grandes intelectuais da época, Petrarca pôde possuir livros caros e raros e por isso é apontado como um dos primeiros bibliófilos da Europa.

É sabido que a primeira vez que a expressão bibliofilia foi utilizada foi pelo contemporâneo de Petrarca, o inglês Richard de Bury, autor do livro *Philobiblion*, terminado em 1345, que trata da virtude dos livros.

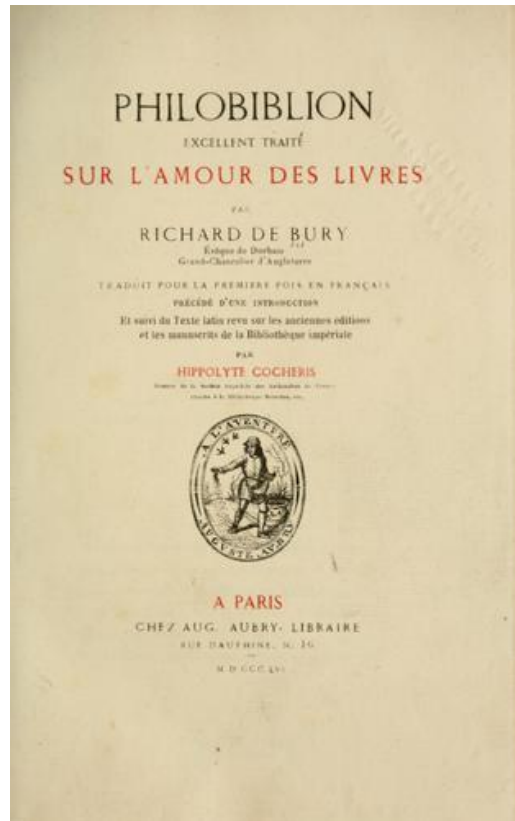


Figura 7: Livro Philobiblion

Fonte: <http://moly.hu/konyvek/richard-de-bury-the-philobiblion>

Ribeiro (2011) relata que a bibliofilia teve seu auge nos séculos XVII e XIX, quando os livros raros eram sinal de status e por isso muito disputados em leilões por colecionadores. Nesse período surgiram os clubes de amantes dos livros, nos quais os participantes eram principalmente pessoas da elite.

### 5.3 Obras raras

#### 5.3.1 Definição de obras raras

Mas afinal, um livro apenas precisa ser velho para ser considerado uma obra rara? É difícil descrever o que é uma obra rara, é preciso mais do que só o tempo para afirmar que um exemplar é ou não raro. No geral são obras limitadas, antigas, que contenham ilustrações de pintores renomados, que pertenceram ou foram escritas por personalidades muito importantes, que seu conteúdo foi muito marcante em algum período, ou que possuam erros de impressão que a tornem única.

Para Rubens Borba de Moraes (2005):

Certos exemplares de obras raras chegam a ter uma verdadeira personalidade. São alguém, são conhecidos dos bibliófilos, se não pessoalmente, pelo menos pela fama. Alguns têm uma verdadeira genealogia, sabe-se de onde vieram, porque mãos passaram e onde se encontram no momento.

Pinheiro (2009, p.31) afirma que há dois precedentes que dificultam a definição do que é o livro raro.

1. é impossível pré-determinar as características de um livro raro, porque cada livro é um universo restrito de manifestações culturais – originais e acrescentadas; e
2. é difícil discernir sobre características postas em evidência, quando se tenta provar a raridade de um livro – os argumentos são frágeis, baseados no “inquestionável” pressuposto da antigüidade

De acordo com Greenhalgh e Manini (2013, p. 258) cada livro tem sua própria história, pois dependendo do destino que tiveram, exemplares de uma mesma edição podem ter ganhado características que os tornam únicos: “como uma assinatura, anotações, o *Ex libris* de alguma personalidade, ou mesmo uma encadernação diferenciada pelo material usado na confecção [...]”.

Chartier (1999, p. 149) afirma que:

Mesmo em tempos de massificação e de universalização, não se poderá impedir os colecionadores de construir a raridade. Porque apesar da raridade poder ser objetiva, ela é, de fato, com freqüência

construída. Um livro é raro a partir do momento em que há bibliófilos para procurá-lo. Se não há ninguém interessado, mesmo que tenha sido publicado em um único exemplar, ele não é raro.

Para Sant'Anna: "uma obra rara seria portanto qualquer publicação incomum, difícil de achar, e com um valor maior do que os livros disponíveis no mercado".

Battles (2003, p.50) explica que os livros para chegar aos dias de hoje tiveram que enfrentar incêndios, ataques às bibliotecas causados por imperadores, religiosos ou pelo povo enfurecido, e fenômenos naturais. Outros fatores a serem vencidos foi a censura e o próprio tempo. "Até mesmo o papel e a tinta podem às vezes sobreviver a uma sentença de morte" (MANGUEL, 2006, p.112).

Apesar de tudo, essas obras têm seu valor reconhecido e hoje se encontram abrigadas em setores importantes e especiais da biblioteca. Estas obras custam caro para serem mantidas por uma instituição, de acordo com Sant'Ana (2001) isso se dá pelo fato de que um objeto raro é valioso por ser limitado, de difícil ou, em alguns casos, impossível reposição, e por isso, mais visado, o que demanda mais segurança e pela sua fragilidade exige profissionais capacitados para manuseá-los.

Devido à dificuldade de restituição, tais livros carecem de um enorme cuidado, principalmente por causa de sua fragilidade. Eles devem ser manuseados apenas por profissionais capacitados para tal ação. Sua limpeza e armazenamento também devem ser especiais, para evitar que a umidade ou insetos danifique-os. Até mesmo sua digitalização é diferenciada, para evitar danos.

## 5.4 A importância da bibliofilia na preservação da cultura impressa

### 5.4.1 Bibliofilia e a preservação do livro

O livro passou por uma longa evolução até que pudesse chegar ao que é hoje. Papiro, pergaminho, códex, ao longo da história foram vários os suportes utilizados pelas civilizações para armazenar suas histórias e informações através da escrita.

Os sumérios guardavam suas informações em tijolo de barro. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas [...] escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro [...] (CALDEIRA, 2002).

Houve também muitos fatores que ajudaram no desenvolvimento do livro, monges copistas que viviam para escrever, a invenção da tipografia, o surgimento da imprensa, entre outros que foram fundamentais para tornar o livro acessível e popular.

No passar dos séculos muita informação produzida pela humanidade foi perdida. Para Battles (2003, p.39): “outra possibilidade é os livros serem queimados com a finalidade de apagar seus autores e leitores da história”.

Por medo ou ignorância, religiosos, políticos ou povos inimigos tinham como alvo de ataque as bibliotecas. Para Manguel (2006, p.110): “os censores sabem muito bem que os leitores se definem pelos livros que leem”. Então qualquer informação que fosse contrária ao que eles acreditavam, deveria ser destruída. Em *Arab conquest of Egypt* de Alfred J. Butler, citado por Battles (2003): “Com relação aos mencionados livros, se o que vem dito neles concorda com o Livro de Deus, eles são desnecessários; se discorda, são indesejáveis. Destrua-os, portanto.”

Mas o fato de aniquilar tais obras são de grande prejuízo para as gerações presente e futuras. “Mesmo de um ponto de vista político e religioso, a destruição de uma cultura oponente é sempre um ato de estupidez, uma vez que destrói a possibilidade de adesão, conversão ou assimilação” (MANGUEL, 2006, p. 108).

Battles (2003, p.28) considera que:

No final das contas, são as necessidades e preferências de leitores e de colecionadores que determinam aquilo que irá sobreviver. Mais até que às chamas, ao roubo e à censura, o destino dos livros está ligado à constante transformação da palavra em seus mais diversos usos.

Os livros enfrentaram inúmeras adversidades até chegar no presente momento, mas ainda assim muitos são os que acreditam no fim desse suporte. Esperam que a tecnologia substitua o livro de papel, que parece algo tão antiquado, quando comparado aos modernos livros digitais, acessados a partir de dispositivos eletrônicos. Entretanto, muitas são as pessoas que têm apego pelo livro de papel, que apreciam o cheiro do livro novo, o conforto visual que não sentem no livro digital.

Antigamente acreditava-se que a internet, o livro eletrônico e as bibliotecas digitais substituiriam o “bom e velho” livro de papel, porém passado o tempo pode-se observar que estes não vieram para tomar o lugar, mas para “ajudar” o livro. Assim foi com o surgimento do cinema, muitos acreditaram que o teatro estava com os dias contados, que a televisão entraria no lugar do rádio, mas nada disso aconteceu. Além de tudo “as pessoas parecem preferir o modo tradicional de ler um poema ou um romance em papel impresso” (ECO, 2003).

Como afirmam Nardino e Caregnato (2005, p. 383):

Pretende-se, desta forma, contribuir para uma reflexão acerca da fragilidade da informação registrada em papel [...]. É importante destacar que a questão do documento eletrônico é aqui colocada como um novo suporte para o registro de informações, que surge não para substituir o livro impresso, mas para complementá-lo em suas limitações.

Difícilmente o livro impresso será substituído pelo livro digital, pelo menos em um futuro próximo. Embora muitas pessoas possuam tablets e e-readers, ainda existe um romantismo em relação ao livro de papel. No Brasil, por exemplo, outro fator que demonstra que o livro em papel ainda tem muitos anos até sumir, é que o país é subdesenvolvido. Necessidades básicas como alimentação, emprego e moradia ainda não foram resolvidas pela maioria da população, então o e-book, que necessita de um dispositivo eletrônico caro para sua leitura, provavelmente não ganhe o povo brasileiro tão facilmente.

#### 5.4.2 Digitalização de obras raras

Devido a sua idade, as obras raras são pouco resistentes e podem ser facilmente desfeitas. “A preocupação em preservar suas informações nos leva a pensar em soluções que possam minimizar os riscos aos quais está exposta a obra rara, principalmente em função da fragilidade apresentada pelo papel [...]” (NARDINO e CAREGNATO, 2005, p.382).



Figura 8: Obras raras

Fonte: <http://justificando.com/2014/07/10/principio-da-insignificancia-nao-se-aplica-furto-de-livros-raros/>

São vários os agentes externos que podem colaborar com a deterioração dos livros, como por exemplo: “sua própria estrutura química, umidade, temperatura, incidência de luz, insetos, roedores e principalmente a ação do homem, pelo manuseio inadequado e pela falta de conhecimento técnico” (GREENHALGH, 2011, p.161).

A preservação digital busca não perder a informação representada no formato de papel. “Se o suporte físico se deteriorar ou se se tornar obsoleto a ponto de deixarem de existir periféricos capazes de extrair a informação nele armazenada, incorremos no sério risco dessa informação se perder para sempre” (FERREIRA, 2006).



Diemer e Braga (2010, p.25) afirmam que é preciso fazer um planejamento para antes e depois da digitalização. É indispensável definir critérios de seleção das obras que serão digitalizadas, verificar os direitos autorais da obra, fazer a limpeza do item e criar uma biblioteca digital para armazenar as digitalizações.

A máquina (scanner) utilizada não pode ser qualquer uma, ela deve ser própria para obras raras, não podem ser as máquinas comuns que forçam o livro para que sua página entre em contato com a superfície, afirma Greenhalgh (2011), porque isto pode comprometer a estrutura do livro.

O processo de digitalização não é tão simples quanto parece. Greenhalgh (2011, p.160) cita alguns inconvenientes, como

a fragilidade dos livros raros, o custo para implantação e manutenção da digitalização, a capacitação dos funcionários, a qualidade da tecnologia empregada e a evolução da mesma, além das possíveis implicações legais que possam cercear o processo de digitalização e as obras.

Contudo a tecnologia ainda é um dos maiores aliados da obra rara. Devido à preciosidade destas obras, seu manuseio e tratamento precisam de muito mais delicadeza, por isso seu acesso é restritíssimo. Porém com a chegada da digitalização qualquer um pode ter contato com estas obras, seja no conforto do seu lar, seja nos computadores do centro de informação, por meio da biblioteca digital.

Nardino e Caregnato (2005, p.393) argumentam que:

A consulta à obra rara esteve sempre condicionada à presença física do pesquisador na biblioteca; as salas que abrigam estes acervos são geralmente lugares fechados, onde ao usuário não é permitido entrar. Com as bibliotecas digitais de obras raras é possível abrir as portas dessas coleções e permitir a entrada de todos aqueles que compartilham do desejo de preservar o conhecimento registrado pelo homem ao longo de sua existência.

As autoras Diemer e Braga (2010) definem o que são para elas as duas principais vantagens da digitalização, que são o fato de um mesmo documento ser acessado simultaneamente por vários usuários e a agilidade na recuperação deste documento.

A obra rara, um livro que não poderia ser emprestado, agora pode ser consultado por qualquer usuário que tenha interesse,

o acesso remoto ao documento digitalizado facilita a consulta aos mesmos, permitindo ao usuário consultá-lo sem a necessidade de sua presença na biblioteca. Disponibiliza, ainda, o acesso 24h, sem que o pesquisador precise sujeitar-se ao horário de atendimento da biblioteca. (NARDINO e CAREGNATO, 2005, p.400)

## 5.5 Desenvolvimento de bibliotecas particulares

No decorrer da história, muitos livros foram mantidos em perfeito estado de conservação por terem sido guardados por seus donos de modo a evitar os danos que o tempo ou outros agentes naturalmente causam ao papel.

Nunes (2012) aponta a paixão e o cuidado dos bibliófilos como grandes auxiliares na preservação do livro. Os bibliófilos têm motivos muito pessoais que os levam a valorizar cada obra, e a escolha dos livros que irão fazer parte do seu acervo deve-se a crença de que aquele é um item único contendo determinada informação, sendo assim de grande importância pessoal, mas também social e histórica.

Eco (2003) explica sobre as bibliotecas que:

Este local foi, no passado, e será, no futuro, dedicado à conservação de livros; portanto é e será um templo da memória vegetal. As bibliotecas, ao longo dos séculos, têm sido o meio mais importante de conservar nosso saber coletivo. Foram e são ainda uma espécie de cérebro universal onde podemos reaver o que esquecemos e o que ainda não sabemos.

Se me permitirem usar essa metáfora, uma biblioteca é a melhor imitação possível, por meios humanos, de uma mente divina, onde o universo inteiro é visto e compreendido ao mesmo tempo. Uma pessoa capaz de guardar em sua mente a informação suprida por uma grande biblioteca emularia, de certo modo, com a mente de Deus. Em outras palavras, inventamos bibliotecas porque sabemos que não possuímos poderes divinos, mas tentamos ao máximo imitá-los.

As bibliotecas montadas por colecionadores muitas vezes são repletas de obras únicas sobre um determinado assunto ou período

Há, com efeito, bibliotecas particulares que dão renome aos seus proprietários, homens que seriam perfeitamente desconhecidos sem os seus livros. Mas nem sempre estes possuidores de belas livrarias são letrados. Há os autênticos bibliófilos, os que amam o livro em razão do seu valor intrínseco, medular. (FRIEIRO, 1999, p.71).

### 5.5.1 José Mindlin e a Biblioteca Brasileira

José Ephim Mindlin nasceu em 8 de setembro de 1914, na cidade de São Paulo. Filho de judeus, formou-se em direito pela Universidade de São Paulo em 1936. Fundou a empresa Metal Leve S/A. Foi advogado e empresário, mas ganhou

fama pela sua grande paixão, que o acompanhou desde os treze anos de idade: os livros.



Figura 9: José Mindlin

Fonte: [http://www.bibliotecabecei.blogspot.com.br/2010\\_02\\_28\\_archive.html](http://www.bibliotecabecei.blogspot.com.br/2010_02_28_archive.html)

Foi casado com Guita Mindlin, com que teve quatro filhos e compartilhou da mesma paixão pelos livros. Juntos, formaram uma das maiores bibliotecas particulares do país.

Pereira (s.d.) relata que Mindlin em seu livro *No mundo dos livros* explica sua técnica de aquisição de suas obras:

Em uma de suas histórias sobre as garimpagens conta que no início não tinha dinheiro para comprar os livros, mas que havia uma brecha nos sebos de que se aproveitou. Como um sebo não sabia sobre os valores dos livros de outro ele deixava em consignação um livro adquirido por um valor baixo em outro sebo em que este mesmo livro valia mais. A diferença de valor na transação ele recuperava novamente em livros e assim ia até outro sebo e deixava-os novamente em consignação e assim por diante. Logo seu acervo começou a aumentar devido a estas trocas e sem a necessidade de colocar dinheiro algum.

Em 2006, aos 95 anos de idade, Mindlin passou a ocupar a cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras. Neste mesmo ano, parte do seu acervo que contava com cerca de 40 mil obras, foi doado para a biblioteca da Universidade de São Paulo, que hoje tem o nome de Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.



Figura 10: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin  
Fonte: <http://vejasp.abril.com.br/materia/biblioteca-brasiliana-jose-mindlin>

O prédio de 20.000 metros quadrados, foi planejado pelo neto de Mindlin, o arquiteto Rodrigo Mindlin Loeb, e construído para receber o acervo de Mindlin e posteriormente outras obras. A estrutura da biblioteca permite que todos os livros possam ser vistos, um pedido do próprio bibliófilo, embora o acesso às obras seja restrito a pesquisadores. A temperatura e a umidade são controladas para a melhor preservação das obras que tratam do Brasil, por isso o nome *Brasiliana*.



Figura 11: Biblioteca Brasileira

Fonte: <http://bamboonet.com.br/posts/projeto-da-biblioteca-brasiliana-na-usp-investe-em-design-brasileiro-e-solucoes-inteligentes-para-preservar-acervos-preciosos-1>

Grande parte das obras do acervo foi digitalizada, por isso embora o acesso físico seja restrito, algumas obras podem ser consultadas através do site da própria biblioteca.



## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras raras têm grande importância cultural e histórica. Estes itens atravessaram o tempo e enfrentaram dificuldades para se manterem “intactos”. Tais dificuldades consistiram em ataques às bibliotecas, incêndios e o desgaste natural com o passar do tempo.

Para chegarem no presente momento, contaram com a ajuda de “guardiões”, pessoas com imenso zelo e devoção aos livros. Através da coleção montada por diversos bibliófilos, hoje é possível ter acesso a obras com conteúdos muito ricos para a cultura e a história.

Um grande exemplo foi o bibliófilo José Mindlin que dedicou muitos anos de sua vida procurando, comprando e cuidando dos livros que formaram seu gigantesco e riquíssimo acervo de obras sobre o Brasil e que generosamente, no fim de sua vida, doou sua coleção para a biblioteca da Universidade de São Paulo, para que aqueles livros e aquele conhecimento que ali se encontravam pudessem ser disseminados para o maior número possível de pessoas.

Estes livros são únicos e demandam muito cuidado, pois não podem ser repostos. Porém, isto não é motivo para ficarem guardados a sete chaves. O conhecimento que ali está, deve ser disponibilizado. É necessária a utilização de métodos especiais para que os usuários possam ter acesso a estes livros.

Nessa hora, a tecnologia se mostra aliada. Com a digitalização e a utilização de base de dados para armazenamento das obras digitalizadas é possível que estas obras fiquem disponíveis virtualmente para qualquer pessoa interessada em seu conteúdo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. R. S. F.. **A tecnologia na comunicação do Senado: do papiro à internet.** 2007. 249 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/2957> >. Acesso em: 04 jun. 2014.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas.** São Paulo, SP: Planeta do Brasil, 2003. 238 p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras.** Critérios de raridade: empregados para a qualificação de obras raras. Rio de Janeiro: FBN, [2000]. Disponível em: <<http://www.bn.br/planor/documentos.html>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

BOERES, Sonia A. De Assis; MÁRDERO ARELLANO, Miguel Ángel. **Políticas e estratégias de preservação de documentos digitais.** Salvador, 2005. p. 15. Publicado nos anais do VI CINFOM – Encontro de Ciência da Informação Salvador. Disponível em: <[http://dici.ibict.br/archive/00000263/01/Preserva%C3%A7%C3%A3o\\_VI\\_CINFOM.pdf](http://dici.ibict.br/archive/00000263/01/Preserva%C3%A7%C3%A3o_VI_CINFOM.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2014.

BRAGANÇA, Aníbal. et al. **O consumidor de livros de segunda mão: perfil do cliente dos sebos.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CALDEIRA, Cinderela. Do papiro ao papel manufaturado. **Revista Espaço Aberto,** São Paulo: USP, out. 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2002/espaco24out/vaipara.php?materia=0v aria>>. Acesso em: 02 ago. 2014.

CAVEDON, Neusa Rolita. et al. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. Porto Alegre: **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 345-371, jul./dez. 2007.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas.** São Paulo: Arq Estado, 2000. 78 p. : (Projeto como fazer; 5)



CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 1999. – (Prismas)

COSTA, Fernando Mustafa. **Bibliofilia: a eterna devoção aos livros** / Fernando Mustafa Costa. –São Paulo: USP, 2009.

DIEMER, Vanessa Maria Almeida; BRAGA, Paula Dantas. **Digitalização de obras raras: estudo comparativo do Senado Federal e do Supremo Tribunal Federal**. 2010. 90 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

ECO, Umberto. **Muito além da Internet**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 14 dez. 2003. Caderno Mais! p. 4-10.

FERREIRA, Miguel. **Introdução à preservação digital: conceitos, estratégias e actuais consensos**. Guimarães, Portugal: Escola de Engenharia da Universidade do Minho, 2006.

FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

GARSCHAGEN, Bruno. Raras edições, poucos leitores, uma confraria. **Revista entre livros**. São Paulo: Duetto, 2005. Disponível em: <[http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/raras\\_edicoes\\_poucos\\_leitores\\_uma\\_confraria\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/raras_edicoes_poucos_leitores_uma_confraria_imprimir.html)>. Acesso em: 23 mar. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

GREENHALGH, Raphael Diego. Digitalização de obras raras: algumas considerações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.3, p.159-167, jul./set. 2011.

GREENHALGH, Raphael Diego; MANINI, Miriam Paula. Segurança de obras raras ciência da informação. In: **TransInformação**, Campinas, 25(3):255-261, set./dez., 2013.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACEDO, Thiago Silva. **O livro, como suporte da escrita: evolução e tendências atuais**. 2011. 55 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

MANGUEL, Alberto. **A Biblioteca à noite**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006. 301 p.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leituras**. São paulo: Companhia das letras, 1997.

MENESES, R.V.A.; SILVA, L.A.A. **A coleção de obras raras da Biblioteca Ministro Oscar Saraiva do Superior Tribunal de Justiça**. *BDJur*, 22 jun. 2004. Disponível em: <[http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/bitstream/handle/2011/25139/Cole%C3%A7%C3%A3o\\_obras\\_raras\\_biblioteca.pdf?sequence=3](http://bdjur.stj.gov.br/xmlui/bitstream/handle/2011/25139/Cole%C3%A7%C3%A3o_obras_raras_biblioteca.pdf?sequence=3)>. Acesso em: 18 jun. 2014.

MORAES, Rubens Borba de. **O Bibliófilo Aprendiz: prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras raras, antigas ou modernas**. Brasília: Briquet de Lemos : Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005. 208 p.

NARDINO, Anelise Tolotti Dias; CAREGNATO, Sônia Elisa. O futuro dos livros do passado: a biblioteca digital contribuindo na preservação e acesso às obras raras. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/viewFile/3701/3489>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

NUNES, Karina da Silva. **Um acervo para chamar de meu: bibliófilos como preservadores da cultura impressa**. 2012. 56 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ORTEGA, C.D.; LARA, M.L.G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. DataGramZero: **Revista de Ciência da Informação**, v.11, n.2, 2010. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/abr10/F\\_I\\_art.htm](http://www.dgz.org.br/abr10/F_I_art.htm)>. Acesso em: 28 mar. 2014.

PEREIRA, Daniel. SER MELHOR. **Coleção Brasileira - A Biblioteca Guita e José Mindlin**. Disponível em: < <http://www.sermelhor.com.br/livros/colecao-brasiliana-a-biblioteca-guita-e-jose-mindlin.html>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

PINHEIRO, Ana Virginia. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In: **Ciência da Informação: múltiplos diálogos / Organização de Helen de Castro Silva e Maria Helena T. C. de Barros**. – Marília: Oficina Universitária Unesp, 2009. Disponível em: <[http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen\\_e%20book.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/helen_e%20book.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2014.

REIFSCHEIDER, Oto Dias Becker. **Bibliofilia e colecionismo**: uma breve reflexão. In: Scriptorium 2. Disponível em: < <http://perlocutorio.com/Scriptorium2.php> >. Acesso em: 10 mar. 2014.

REIFSCHEIDER, O.D.B. A importância do acesso às obras raras. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v.1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://164.41.105.3/portaldesp/ojs.1.1/index.php/rici/article/viewFile/526/541>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

RIBEIRO, Sara Mesquita. **Bibliofilia**: a busca por obras raras na atualidade. 2011. 58 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

RODRIGUES, M.C. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. **Ciência da Informação**, v.35, n.1, p.115-121, 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewFile/725/608>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

RODRIGUES, A.H.; CALHEIROS, M.F.; COSTA, P.S. Análise bibliológica de livros raros: a preservação ao “pé da letra”. **Anais da Biblioteca Nacional**, v.123, p.33-48, 2007. Disponível em: <[http://www.bn.br/planor/documentos/anais\\_123\\_2003.pdf](http://www.bn.br/planor/documentos/anais_123_2003.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2014.

SANT’ANA, Rizio Bruno. CRITÉRIOS PARA A DEFINIÇÃO DE OBRAS RARAS. **Revista On-line da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v.2, n.3, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1886/1727>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. **Obra rara**. Rio de Janeiro: UFRJ, [2012]. Disponível em: <<http://www.cfch.ufrj.br/index.php/obras-raras>>. Acesso em: 22 abr. 2014.